

RESENHA

NASCIMENTO, Ricardo.

Capoeira for export: percursos e dilemas da Capoeira no contexto global.

Jundiaí: Paco, 2021.

Geslline Giovana Braga

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP)

A obra consiste em uma narrativa fluida, com textos nunca reunidos, agora publicados em formato de livro. São histórias de um participante observador, treinado na roda de capoeira e na Antropologia, pois o próprio Ricardo Nascimento é um capoeira *for export* desde os anos 1980, com várias incursões pelo continente europeu.

Uma das originalidades do volume é não centrar as discussões nas vertentes, evidenciando que os deslocamentos da capoeira criam outras variações, aproximações e hibridações de acordo com as mediações realizadas no contexto de cada país. O livro de Nascimento é costurado na malícia da oralidade da capoeira, transportada para o texto. Ele é composto por artigos que o antropólogo assume serem “bocados” sobre a transnacionalização da capoeira, pois está ciente da impossibilidade de produzir uma compreensão totalizante de tal fenômeno a partir dos casos analisados nos países onde realizou suas etnografias.

Abusando das posições invertidas, nesta resenha faço um esforço contrário, tento juntar alguns bocados de teoria, unir as porções teóricas centrais lançadas entre os fatos descritos nos cinco capítulos: “Capoeira *for export*”; “A Capoeira nas encruzilhadas da afro-lusofonia portuguesa”; “Possuído pelos mestres: exorcismo na Capoeira na Polônia”; “No princípio era a dança: reinventando a Capoeira na Bretanha Francesa”; “Fechando a Roda: a Capoeira, pós-pandemia e a crise mundial”. As ideias de dois teóricos parecem perpassar os cinco capítulos do livro, embora nem sempre citados.

O primeiro é George Marcus (1995), de quem o autor mobiliza a noção de “etnografia multissituada, multilocal e multitemporal” (NASCIMENTO, 2021, p. 9) para fundamentar as etnografias realizadas em diferentes países, contextos e períodos. Tal conceito apresenta uma ruptura com os métodos da pesquisa clássica – centrada num grupo, numa aldeia ou num bairro –, de modo que a unicidade é construída pela temática e pela discussão teórica. Para que o livro não se tornasse um catálogo de histórias, a utilização desse método exigiria que o multilocalizado fosse situado teoricamente durante o processo de escrita, o que não acontece de todo no texto de Nascimento, justamente por ser um livro formado deliberadamente por “bocados” e, por isso, marcado pela ausência de conexão teórica mais aprofundada entre os casos apresentados. Além disso, também como uma ação deliberada, é notória a ausência de uma conclusão aprofundada que amarre as reflexões apontadas nos capítulos.

O segundo teórico central para compreender o pano de fundo que une os capítulos é Paul Connerton (1991), com o conceito de “sistemas mnemônicos”, com base no qual o autor considera a existência de repertórios simbólicos comuns que norteiam a recepção da capoeira em diferentes lugares. Este pode ser considerado o argumento central do livro. Nos casos apresentados por Nascimento, tanto em Portugal quanto na França e na Polônia, as artes, as imagéticas, as representações no cinema e as sonoridades afro-brasileiras constituíram um sistema simbólico. Uma memória comum sobre brasilidades entre os europeus, que a habitava antes mesmo de chegar ao continente europeu em meio a muitos exotismos. Por isso, a capoeira é facilmente associada e hibridizada às artes e à religião, por já estarem presentes nos “sistemas mnemônicos” de muitas culturas mundo afora.

Assim como as dinâmicas de outras manifestações culturais quando transladadas, a capoeira também se transforma em contato com distintos contextos sociais e culturais de outros países, resultado de estratégias de sobrevivência do próprio capoeirista como vetor. Entretanto, no que tange à discussão étnico-racial, vemos que ela é centrada na prática, e não no praticante, como se a capoeira quando desterritorializada do Brasil oferecesse a todos os praticantes brasileiros uma única identidade: a identidade afro-brasileira da própria capoeira, como uma espécie de metonímia que desconsidera a cor ou a classe específica do praticante em questão.

As escalas desenhadas por Nascimento em cada capítulo são cronológicas, mostram a chegada e a recepção a partir dos referenciais anteriores de brasilidade e africanidade. Com isso, mostra também como foram criadas variações relativas às práticas e aos sentidos da prática, decorrentes de trocas de experiências entre capoeiristas brasileiros e europeus. O resultado desse processo foi a aproximação da capoeira ora ao holismo *new age* em Portugal, ora à dança contemporânea urbana na França, ou mesmo à possessão digna de exorcismo na Polônia.

Nascimento considera a capoeira e as religiosidades afro-brasileiras em Portugal como movimentos circulares contraculturais que, mesmo não tendo objetivos políticos e subversivos, configuram-se como tais, como um território contracolonial dentro de um país colonizador, ou seja, o autor nos mostra como a capoeira acontece no corpo e no território do “outro” colonizador.

A maleabilidade esperada no corpo do capoeirista é a mesma apresentada pela capoeira durante suas reconfigurações em meio aos circuitos transculturais que se inscrevem pelo mundo, o que faz com que o autor pense a capoeira, mas trate sobre as realidades dos brasileiros e suas necessidades ao migrar. Não há um projeto de difusão da prática, a capoeira existe nos corpos dos brasileiros e os faz sobreviver no exterior, adaptando-se. A capoeira responde da mesma forma: como sugere o primeiro capítulo, o terreno foi preparado por outras manifestações para que a capoeira pudesse jogar e se disseminar, quase sem querer, apenas gingando no fluxo dos corpos, respondendo a regras e fundamentos específicos dos contextos locais.

Diferentemente dos primeiros capítulos, que tratam de transculturação, no último e breve capítulo, “Fechando a Roda: a capoeira, pós-pandemia e a crise mundial”, o autor mostra como a pandemia de COVID-19 e o distanciamento social fizeram com que a capoeira se visse face a supostas rupturas e novos desafios. Mas, ao contrário do que sugere, esse último capítulo não fecha a roda, e sim a abre para outras perspectivas sobre rupturas e continuidades da capoeira. Como dizem os capoeiristas, um jogo começa, mas nunca termina. Ricardo Nascimento mostra com suas pesquisas em diferentes países que a capoeira sempre surpreende, age num sentido rizomático de expansão e difusão, sem perder suas particularidades, e provavelmente seguirá por muitas outras trilhas, se transformando, mas sempre mantendo sua essência, a ginga e a maleabilidade.

Referências bibliográficas

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.

MARCUS, George. "Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography". *Annual Review of Anthropology*, 24, 1995, p. 95-116.